

CONCERTO

Guia mensal de música clássica

www.concerto.com.br

ENTREVISTA

Almeida, cantora artística
de pho...
organisação

Artista

de pho...

BRASIL MUSICAL

Almeida, composição
de pho...
ão Pedro

PARCO

de pho...
de pho...
de pho...

DO

de pho...
de pho...
de pho...

DO

de pho...
de pho...
de pho...

JOÃO MARCOS COELHO

Mendes 00 an

2023

CO

ISSN 1413-2052 - ANO XXXVIII - Nº 298



R\$ 19,90

Piano na cidade cor-de-rosa

Recitais no Convento dos jacobinos, em Toulouse, nos aproximam do paraíso

A ordem dos dominicanos foi fundada no século XIII, na cidade de Toulouse, França, por São Domingos de Gusmão. Seus frades também eram conhecidos, no país, como “jacobinos”, porque, em Paris, instalaram-se na rua São Jacó. (O nome jacobino ganhou sentido político durante a Revolução Francesa, porque o clube político fundado por Robespierre fixou-se nesse convento parisiense esvaziado de frades. Mas isso não tem relação com a história de que quero tratar aqui.)

Importa que ficou, em Toulouse, o fenomenal Convento dos jacobinos, construído não muito depois da morte de São Domingos. O convento abriga, desde o século XIV, o corpo de São Tomás de Aquino, insigne filósofo católico.

Esse convento chegou até nossos dias num impressionante estado de conservação. É uma construção gótica em tijolos, material específico da região, e é uma obra-prima. (Toulouse é a “cidade rósea”, por causa da cor do tijolo que é universalmente empregado ali desde sempre, dando-lhe um delicado tom de aquarela. Pura maravilha.) Possui um claustro com jardim, para o qual se abre a sala capitular, ou sala de reuniões – retangular, rasgada por grandes arcos.

Nesse lugar de sublime beleza, acontece, desde 1979, o festival Piano aux Jacobins (em português, Piano nos Jacobinos). Ele ocorre durante o mês de setembro. Por vezes, invade outros locais da cidade e, inclusive, se estende até a China. Mas seu porto, de fato, é a bela junção da sala capitular e do claustro.

Os fundadores do festival, Catherine d’Argoubet e Paul-Arnaud Péjouan, adotam, como princípio, a alta qualidade pianística. Nesse sentido, estrelas não faltam. Passaram por lá Nelson Freire, Martha Argerich, Alfred Brëndel e Sviatoslav Richter, entre tantos. Entre os grandes nomes deste ano, estão Nelson Goerner, Bertrand Chamayou, Joaquín Achucarro, Christian Zacharias, Marc-André Hamelin, Stephan Hough.

O segredo do Piano nos Jacobinos, porém, está no fato de

A apresentação de Salome Jordania foi uma revelação e uma felicidade. Ela é capaz de uma gama impressionante no colorido, verdadeiro caleidoscópio sonoro

que, aos nomes consagrados, se alternam os de pianistas jovens, escolhidos com um sentido infalível da qualidade musical. Sei de dois brasileiros – além do grande Nelson Freire – que já se apresentaram ali: Cristian Budu e Juliana Steinbach. Pode ser que haja outros: neste caso, desculpo-me por minha ignorância.

Tive a sorte de passar alguns dias em Toulouse, assisti a uma das apresentações que o festival ofereceu ao longo de setembro. Tocava, no dia 13, Salome Jordania, que tem 22 anos. Estudou em seu país, Georgia, e depois nos Estados Unidos. Já arrebato um expressivo número de grandes concursos internacionais.

Seu recital foi uma revelação e uma felicidade. Ela é capaz de uma gama impressionante no colorido, verdadeiro caleidoscópio sonoro. Seu toque é delicado, acariciante; seu fraseado é de grande liberdade, como se ela se inspirasse em grandes pianistas de um passado remoto – a lembrança de Paderewsky passou por minha mente. Seu virtuosismo é vertiginoso, com dedilhados fluentes e límpidos, sem que a menor sugestão de esforço desponha: as passagens mais desafiadoras surgiram com naturalidade desconcertante.

Tudo isso fazia que as obras brotassem de maneira espontânea, como se estivessem nascendo ali. Não me lembro da *Sonata nº 16 op. 31 nº 1*, de Beethoven, a primeira obra, já ter soado com tanta leveza bem-humorada. Um sorriso musical percorria sua interpretação de uma vitalidade finíssima.

Depois, foi *Arabesque*, de Schumann. Os maravilhosos momentos sonoros que Schumann faz fluir como numa improvisação adquiriam algo de juvenil sob os dedos de Salome Jordania.

Em seguida, a *Valse de Faust*, que Liszt compôs a partir de temas criados por Charles Gounod em sua ópera. As exigências mirabolantes da obra são aterradoras. Mas os dedos de Salome Jordania não se contentavam em demonstrar destreza: em cada passagem revelavam-se matizes originais, com sentidos afetivos dos mais diversos.

O fim do programa foi a *Sonata nº 3* de Brahms, que é monumental. A obra, em cinco movimentos, dura bem 40 minutos, que passaram como se fossem cinco. A pianista deu uma amplitude orquestral ao instrumento, sem perder nunca a clareza. Foi um momento de formidável emoção.

Enfim, um bis, em forma de apoteose: de Chopin, *Grande valsa brilhante*.

Para concluir: Salome Jordania, em sua juventude, já é uma grande pianista. E, para quem gosta de piano, passar setembro em Toulouse é certamente alguma coisa como o paraíso. ◀



Recital no Convento dos jacobinos